



## ORIENTE MÉDIO

# Israel ataca por terra; fome começa a matar

Exército israelense realiza bombardeios e a primeira incursão em Deir el Balah, cidade no centro da Faixa de Gaza até então considerada um dos poucos locais poupados pela devastação. Em comunicado conjunto, 25 países exigem fim da guerra

» RODRIGO CRAVEIRO

Eyad Baba/AFP



Palestinos dividem espaço sobre motocicleta com carreta, enquanto fogem de área bombardeada em Deir el Balah

A família do repórter fotográfico Mohammed Hiesham Salem, 29 anos, precisou tomar uma atitude drástica para sobreviver, depois de 654 dias de guerra e de um bloqueio quase completo imposto por Israel à Faixa de Gaza. "Desde domingo, meus parentes começaram a tomar água e sal, como uma alternativa à comida", contou ao **Correio**. "A fome mata todo mundo. Minha família está sem comida há uma semana. Eu aceito que Israel mate meu povo e que as pessoas morram como mártires. Mas não posso aceitar a ideia de minha família morrer de fome." Somente no fim de semana, 18 palestinos não resistiram à fome, segundo o Ministério da Saúde da Faixa de Gaza, controlado pelo movimento islamita Hamas. Ontem, as Forças de Defesa de Israel lançaram a primeira ofensiva terrestre contra Deir el Balah, cidade no centro do território ocupado que permanecia praticamente incólume aos bombardeios. No mesmo dia, 25 países — incluindo Reino Unido, França, Canadá e Japão — divulgaram comunicado conjunto em que exigem o fim da guerra.

"Nós (...) nos reunimos para enviar uma mensagem simples e urgente: a guerra em Gaza deve cessar imediatamente", escrevem os signatários, que consideram que "o sofrimento dos civis em Gaza atingiu novos níveis". O documento também qualifica como "perigoso" o modelo de distribuição de ajuda humanitária implementado por Israel e cita que ele "alimenta a instabilidade e priva os habitantes de Gaza de sua dignidade humana".

Moradora de Deir el Balah, Huda Al Asar — uma professora palestina de 57 anos que morou por 15 no Brasil — contou ao **Correio** que, na manhã de domingo, grande parte da população recebeu uma ordem de retirada. "Foram duas ligações, em que diziam que eu deveria sair da minha área ante uma operação militar capaz de me colocar em perigo", disse. "Tive que preparar meus netos, meus dois filhos e minha nora, arrumar roupas, baldes para enchermos de água e tudo o mais o que levaríamos conosco. Hoje (ontem) pela manhã, deixamos a nossa casa em direção à residência de parentes, em uma cidade próxima. Não havia meio de transporte para nos levar. Eu fiquei apavorada! Vi tanta gente com os pertences no chão, esperando um carro. Quando perguntava às pessoas onde estavam indo, respondiam: 'Não sei'. É uma tristeza, você chora... As pessoas estão com fome e sede", acrescentou.

Huda admitiu que ela e familiares

## Onde foi



passam por enormes dificuldades. "Para vocês terem ideia, um quilo de farinha, suficiente para fazer dez pães, custa o equivalente a mais de 150 reais", comentou. "Não temos mais nada aqui. Nem biscoito, nem



carne, nem frutas, nada. A gente tem comprado um quilo e distribuído um pão para cada criança, e ele tem que ser consumido o dia inteiro."

Por sua vez, o fotógrafo Ahmed Hussein

Younis disse ao **Correio** que a situação em Deir el Balah, onde também mora, é "muito tensa". "O Exército israelense tem feito avanços nas áreas do sul da cidade e alcançaram também a região central. Um depósito de produtos médicos foi incendiado. Testemunhei algumas explosões, e amigos viram tanques de guerra."

Porta-voz do Escritório de Coordenação de Assuntos Humanitários da Organização das Nações Unidas (OCHA) em Genebra, Jens Laerke entende que a ordem de deslocamento forçado para moradores de quatro bairros de Deir el Balah "desferiu mais um golpe devastador nas frágeis linhas que mantêm as pessoas vivas em toda a Faixa de Gaza". "Essa ordem atravessa Deir el Balah até o Mar Mediterrâneo, fragmentando ainda mais o território e empurrando as pessoas para áreas superlotadas e inseguras, sem abrigo ou suprimentos essenciais", declarou ao **Correio**. Estimativas indicam que entre 50 mil e 80 mil pessoas estavam na área no momento em que a ordem foi emitida, incluindo 30 mil abrigadas em 57 locais diferentes. "Diversas clínicas de saúde primárias e postos médicos estavam dentro da área recém-designada, assim como a usina de dessalinização de Gaza e outras infraestruturas

hídricas vitais. A usina é a principal fonte de água potável para os deslocados internamente na região de Al Mawasi, atendendo a centenas de milhares de palestinos. A perda dessa instalação seria catastrófica", advertiu.

## Desnutrição

Laerke também disse que continua a receber "relatos profundamente preocupantes de pessoas gravemente desnutridas". "Elas chegam aos postos médicos e hospitais com uma saúde extremamente debilitada. No domingo, o Ministério da Saúde de Gaza informou que mais de uma dúzia de pessoas, incluindo crianças, teriam morrido de fome em um intervalo de 24 horas. Também no domingo, um comboio do Programa Mundial de Alimentos da ONU (PMA) transportando assistência alimentar vital cruzou de Israel para Gaza e encontrou grandes multidões de civis desesperados e famintos", relatou Laerke. Segundo ele, quando o comboio se aproximou, os civis foram alvos de tanques israelenses e franco-atiradores. "Essas pessoas estavam simplesmente tentando ter acesso à comida para se alimentarem, enquanto estão à beira da morte pela fome."

## Eu acho...



"Deir el Balah está entre os poucos locais que ainda possuem prédios de pé. Também é um lugar onde muitos palestinos, provenientes de Beit Hanoun e Beit Lahlia (norte), buscaram abrigo. Entidades humanitárias ali se estabeleceram e montaram dormitórios, clínicas e armazéns. Prédios estão sendo destruídos e a infraestrutura, devastada. Caixas d'água têm sido atingidas, e as pessoas são forçadas a se mudar novamente."

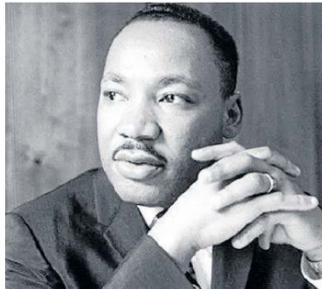
**Ajith Sunghay**, chefe do Escritório de Direitos Humanos da ONU nos Territórios Palestinos Ocupados

## ESTADOS UNIDOS

# Trump divulga arquivos sobre MLK

Em 20 de janeiro passado, feriado nos EUA pelo Dia de Martin Luther King (MLK), Donald Trump fez uma promessa, em seu discurso de posse: trabalhar pela unidade nacional. "Em honra de MLK, nós nos esforçaremos juntos para tornar seu sonho realidade. Nós faremos seu sonho se tornar realidade", declarou o republicano. Seis meses depois, o presidente à frente de um dos governos mais polêmicos das últimas décadas ignorou a vontade da família do pastor batista e líder ativista assassinado em 4 de abril de 1968 e liberou 240 mil páginas de documentos sobre o crime. No primeiro dia à frente da Casa Branca, Trump tinha assinado uma ordem executiva relacionada ao fim do sigilo sobre os documentos.

Fundador do Instituto Martin Luther King Jr., guardião dos documentos do líder ativista e professor da Universidade de Stanford, Clayborne Carson disse ao **Correio** não ter problemas com uma divulgação geral, e não seletiva, de dossiês relacionados a MLK. "O problema, geralmente, resulta da liberação seletiva dos documentos, que oferecem interpretações do FBI (polícia federal dos Estados Unidos),



O pastor e líder ativista Martin Luther King Jr. foi morto em 4 de abril de 1968

em vez de evidências reais. Por exemplo, o FBI e outras autoridades do governo federal estavam monitorando Martin Luther King, no início de abril de 1968, de um quartel de bombeiros próximo", afirmou. Apesar de admitir não ter visto nenhuma evidência de que esses oficiais estivessem envolvidos no assassinato de MLK, Carson acredita que algumas dessas autoridades podem ter permitido que isso

ocorresse por causa da conhecida oposição de J. Edgar Hoover (então diretor do FBI) a MLK e a outras lideranças negras, como Malcolm X.

Filha de MLK, Bernice King alfinetou Trump nas redes sociais. Sobre a foto do pai, escreveu: "Agora, libere os arquivos de Epstein". Foi uma referência ao financista Jeffrey Epstein, acusado de tráfico sexual e pedofilia. "Como filhos do Dr. King e da Sra. Coretta Scott King, sua trágica morte foi uma dor intensamente pessoal — uma perda devastadora para sua esposa, filhos e a neta que ele nunca conheceu —, uma ausência que nossa família suportou por mais de 57 anos. Pedimos àqueles que se envolvem na divulgação desses arquivos que o façam com empatia, moderação e respeito pelo luto contínuo de nossa família", publicou. "Embora apoiemos a transparência e a responsabilização histórica, opomos-nos a quaisquer ataques ao legado do nosso pai ou a tentativas de usá-lo como arma para disseminar mentiras."

MLK foi assassinado por James Earl Ray, com um tiro no rosto, enquanto estava hospedado em um motel de Memphis, no Tennessee. (Rodrigo Craveiro)

## Presidente exibe vídeo de IA com "prisão" de antecessor

Reprodução



Donald Trump polemizou ao publicar, em sua plataforma Truth Social, um vídeo criado por inteligência artificial que mostra o ex-presidente Barack Obama sendo derrubado e preso por agentes do FBI (polícia federal dos Estados Unidos) dentro do Salão Oval. No momento da prisão, o atual titular da Casa Branca aparece dando gargalhadas, sentado ao lado do democrata. O vídeo também mostra Obama dentro de uma cela, sozinho. A trilha sonora escolhida por Trump para o vídeo falso foi Y.M.C.A., do grupo de disco Village People. A canção embalou a festa da posse presidencial, em 20 de janeiro, e uma dança encenada pelo próprio republicano e pelo então aliado Elon Musk, dono da rede social X.